



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.990>

## **A mediação do “sacerdote tradicional” e do presbítero católico nas orações pelos defuntos no contexto dos *Vatswa* na igreja em Moçambique**

*Mediation of the “traditional priest” and the catholic elder in prayer for the dead in the context of Vatswa in the church of Mozambique*

*Pedro Francisco Simone<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O problema da pesquisa emerge da experiência pastoral. O tema engloba de modo transversal as áreas das religiões tradicionais Africanas e da Teologia Católica na dimensão litúrgico-sacramental e na dimensão do sacramento da Ordem. O objetivo é descrever o ministério presbiteral no meio da comunidade cristã, como pessoa que tem a função de mediação nas orações pelos falecidos. Apresenta-se uma breve descrição da mediação do “sacerdote tradicional” no rito das exéquias no contexto dos *vatswa*. O “sacerdote tradicional” é um membro do clã, reconhecido e respeitado para presidir às cerimônias tradicionais e na invocação dos antepassados. Esta pessoa não é, necessariamente, batizada para assumir a função de mediação. Na teologia cristã católica existe, de um lado, a figura do presbítero, que pela ordenação sacramental, foi ungido para agir, em nome de Cristo como intermediário e intercessor entre Deus e os seres humanos. De outro, o “sacerdote tradicional” faz a função mediadora com os antepassados. Nossa pesquisa mostra a semelhança e a diferença entre o “sacerdote tradicional” e o presbítero da igreja católica.

**Palavras-chave:** Sacerdote tradicional; Presbítero; Mediação; Antepassados; Defuntos.

### **Abstract**

The research problem emerges from the pastoral experience. The theme crosswise covers the areas of traditional African religions and Catholic Theology in the liturgical-sacramental dimension and in the dimension of the sacrament of Order. The objective is to describe the priestly ministry within the Christian community, as a person who has the function of mediating prayers for the dead. A brief description of the mediation of the “traditional priest” in the funeral ritual in the context of *vatswa* is presented. The “traditional priest” is a member of the clan, recognized and respected for presiding over traditional ceremonies and invoking ancestors. This

<sup>1</sup> Sacerdote católico, de nacionalidade moçambicana. Fez o curso completo de Filosofia no Seminário Filosófico de Santo Agostinho da Matola-Moçambique em 2006. Bacharel em Teologia no Seminário S. Pio X de Maputo, com filiação à Universidade Urbaniana de Roma em 2010. Mestrando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre-2020.

E-mail: franciscopetro80@yahoo.com.br

person is not necessarily baptized to assume the role of mediator. In Catholic Christian theology, on the one hand, there is the figure of the priest, who through sacramental ordination, was anointed to act, in the name of Christ, as an intermediary and intercessor between God and men. On the other hand, the “traditional priest” acts as a mediator with the ancestors. Our research shows the similarity and the difference between the “traditional priest” and the elder of the Catholic Church.

**Keywords:** Traditional priest; Presbyter; Mediation; Ancestors; Dead.

## Introdução

O presente trabalho pretende apresentar um breve estudo entre o ritual pelos defuntos nas Religiões Tradicionais Africanas (RTA) no contexto dos *vatswa* presidida por um “sacerdote tradicional ou chefe da família” e o presbítero, como sendo a figura que recebeu o poder de mediação pelo seu rebanho.

Em primeiro lugar, vai-se localizar geograficamente Moçambique e juntamente, salientando os primeiros sinais da evangelização do povo moçambicano; desde a penetração colonial portuguesa no território moçambicano liderada pela caravana de Vasco de Gama até a criação de Pequenas Comunidades Cristãs de Moçambique pós-independência; salientar as falhas da primeira evangelização, que de certa forma, contribuíram para o fraco conhecimento da doutrina católica cristã.

Vamos descrever, outrossim, embora numa forma breve, a cerimônia do enterro no contexto dos *vatswa*. Esta cerimônia é dirigida por um “sacerdote tradicional”. Por último apresentar a figura do presbítero, como sendo o ministro que, em virtude da sua ordenação sacramental, recebeu o poder de ser mediador entre os homens e Deus.

Contudo, fazer um estudo comparativo que envolve duas religiões bem distintas, isto é, a Religião Tradicional Africana (RTA) e o Cristianismo, concretamente na oração pelos defuntos não é fácil devido à escassez da bibliografia da parte das RTA, visto que maior parte esta tradição é eminentemente oral. Doutro lado, falar do sacramento de Ordem, do ministério presbiteral ainda fica muito complicado para o *mutswa* (este termo é o singular dos *vatswa*), porque este ministério ainda permanece como uma realidade oculta devido as razões que abordaremos. Para a sociedade dos *vatswa*, o presbítero é uma figura que está só, de certo modo, para celebrar a missa na igreja. Pouco se sabe que ele é o intermediário entre Deus e os homens.

## 1 Localização geográfica e contextualização da igreja em Moçambique

### 1.1 Localização geográfica de Moçambique e os primeiros sinais da evangelização

Moçambique é um país da costa oriental da África Austral que tem como limites: a norte, a Tanzânia; a noroeste, o Malawi e a Zâmbia; a oeste, o Zimbabwe, a África do Sul e Swazilândia; a sul, África do Sul; a leste, o Oceano Índico, designado por Canal de Moçambique. É uma antiga colônia portuguesa.

Em termos religiosos é predominantemente constituído por cristãos, mas com maior destaque ao catolicismo no sul e centro do país; e no norte, o Islamismo. A primeira celebração eucarística em terras moçambicanas foi “no dia 11 de março de 1498, mais precisamente na Ilha de S. Jorge, mais tarde chamada de “Goa”, debaixo de árvores muito altas”<sup>2</sup>; numa caravana que acompanhava Vasco da Gama na sua primeira viagem para Índia; onde por desconhecimento do caminho foi parar em Moçambique. Entretanto, passados quase 70 anos, um missionário jesuíta, padre Gonçalves de Silveira em 1560, chegou no sul de Moçambique, num povoado do interior do distrito de Inharrime; tendo chegado naquela região o padre batizou o rei local para este estimular a conversão dos seus súditos. Este ato é considerado como um dos primeiros sinais visíveis da primeira evangelização do povo autóctone; embora na verdade não tenha havido nenhuma evangelização ou *kerigma* além do batismo compulsivo do rei e os seus vassalos.

Depois da guerra contra a penetração do império colonial português que culminou com a assinatura da Independência total e completa a 25 de junho de 1975, a Igreja em Moçambique teve outra fase. Saiu duma “igreja triunfante” em que os missionários estrangeiros tinham apoio do país de origem para uma nova Igreja dirigida hierarquicamente pelo prelado nativo. Assim, “homens e mulheres formados pelas missões católicas colaboraram para que a independência fosse uma realidade; nasceu um Moçambique novo, que precisava de ajuda para crescer; não lhe faltou a colaboração da Igreja”<sup>3</sup>. Nesta fase nomeiam-se os primeiros bispos moçambicanos para algumas dioceses. É neste contexto que missionários e cristãos

---

<sup>2</sup> KLAUCK, Miguel. *Notas de Moçambique*. Santa Maria: Pallotti, 2001, p.15.

<sup>3</sup> ANTUNES, Diamantino Guapo. *Mártires do Guiúá*. Testemunho Cristão da Igreja em Moçambique. Guiúá, Consolata, 2016, p.15.

devem tomar consciência da qualidade evangélico-cultural e humana que deve orientar o moçambicano de então, criando diálogo entre a cultura e o Evangelho, isto é, a inculturação do Evangelho. Na verdade, as primeiras Assembleias pastorais, visavam levar o povo moçambicano a acreditar no Evangelho segundo os padrões culturais do povo. Houve homens de boa vontade que iniciaram com a inculturação, elaborando pequenos subsídios que pudessem orientar o povo de Deus.

Mas, infelizmente, este entusiasmo dos missionários de levar avante o processo de evangelização não teve espaço e tempo, visto que, em 1977 eclodiu uma guerra civil que durou 16 anos. As igrejas foram fechadas e os missionários tinham pouco contato com os fiéis. A evangelização que tinha sido iniciada foi reduzida a zero. Os primeiros cristãos que tinham já recebido a evangelização ficaram limitados porque não havia possibilidade para visitar as Pequenas Comunidades Cristãs recém-criadas e professar vivamente a sua fé. Consequentemente, o homem recorreu às Religiões Tradicionais Africanas (RTA) para manifestar as suas aspirações religiosas, como sendo o lugar onde pode se encontrar com divino. E tudo isso agravou-se mais quando o regime político, adotou, em 1976, o marxismo-leninista caracterizado pelo repúdio da manifestação da fé nas igrejas; pelo confisco de muitos bens das Missões: centros de formação catequéticos foram fechados, escolas, hospitais passaram a pertencer ao governo. Contudo, o Espírito Santo ainda soprava para o povo Moçambicano. Como forma de levar o homem a conhecer a Deus, mesmo nas horas tenebrosas, a Igreja em Moçambique adotou o sistema de Pequenas Comunidades Cristãs; mais laicais que clericais e com pouco contato com os missionários.

Dum modo geral, as Pequenas Comunidades Cristãs eram caracterizadas pela pobreza material e acima de tudo por falta de visita de um sacerdote para ensinar doutrina cristã católica e celebrar a eucaristia, levando o povo ao encontro do Senhor e trazendo o Senhor ao povo. Neste âmbito de pouca frequência do sacerdote às Comunidades quem garantia a sua perseverança na fé era um leigo, professor-catequista, com mínima base da doutrina cristã católica e uma fé não totalmente enraizada em Cristo. Por causa deste pouco aprofundamento daquilo que é a doutrina cristã, o professor-catequista que era bom conhecedor da sua própria cultura e garante do desenvolvimento das Comunidades cristãs poderia, sem culpa nenhuma da parte dele, usar uma linguagem cultural como forma de transmitir a doutrina e a fé cristã. Em virtude de ser figura com uma bagagem epistemológica relativamente maior que

outros dentro da sociedade, alguns eram os “sacerdotes” nas celebrações tradicionais com direito de oferecer sacrifícios dentro do clã.

## **1.2 As “falhas da primeira evangelização” como consequências do sincretismo religioso hoje**

Descrevemos, acima, numa forma breve no capítulo anterior, sobre os sinais daquilo que foi o primeiro passo da evangelização em Moçambique, que foi marcada pela presença dos missionários estrangeiros e que depois foi confiada às Pequenas Comunidades Cristãs dirigidas por leigos; agora vamos apresentar algumas ideias cruciais que consideramos falhas da primeira evangelização que contribuem para o fraco conhecimento da figura do presbítero e do seu ministério sacerdotal, como pessoa que está para servir ao povo oferecendo sacrifício em benefício dos defuntos.

Desde 1498, quando da celebração da primeira missa em terras moçambicanas até a década de 1970, as equipes missionárias eram maioritariamente constituídas por sacerdotes e freiras estrangeiras. Foram esses homens e mulheres de boa vontade que, pelo mandato do Senhor “ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e a observar quanto tudo vos mandei...” (Mt 28, 19-20) desejaram levar o Evangelho para Moçambique.

Estes missionários, ao chegarem a Moçambique, encontraram os povos nativos a praticarem as suas crenças religiosas ou “Religião Tradicional Africana”<sup>4</sup>. Estas práticas são normais e comuns para qualquer sociedade africana e especial no contexto dos *vatswa*, de tal maneira que marca a cada pessoa, *Unto* (expressão usada nas línguas Bantu para designar Pessoa) na sua integridade. Estas celebrações ou cerimônias tradicionais eram dirigidas pelo chefe da família do clã, conhecido e reconhecido como sendo “sacerdote tradicional” do clã, incumbido pela família para presidir a esses cultos tradicionais familiares.

Onde estão as “falhas” da primeira evangelização? O grande erro ou falha dos missionários foi não conhecer a cultura e a religiosidade do povo por evangelizar. O

---

<sup>4</sup> Esta religião é centrada no culto aos antepassados, através das cerimônias tradicionais em suas memórias, nos momentos fortes de vida; desde do nascimento até a morte. Para o africano tudo está ligado à sua religião tradicional. Ora, nestas cerimônias tem uma figura que deve dirigi-las; o sacerdote tradicional ou o Chefe do clã. Nelas nada está por escrito; tudo é oral. A oralidade para o africano é a principal fonte da transmissão do conhecimento de geração em geração.

objetivo principal era civilizar e batizar em massa o povo local. De fato, muitos missionários usaram este método; descartar tudo aquilo que o *Unto* vinha praticando como um ser naturalmente religioso, inclusive, destruir os seus altares sagrados, considerando-os como profanos ou contra a civilização e evangelização. Mas estes altares fazem parte da crença do homem-*mutswa*, porque é lá onde se encontra com os seus antepassados. Por isso, a sociedade dos *vatswa* acolheu o Evangelho não como vida ou algo maior que os antepassados, mas como imposição, porque não houve um diálogo entre a cultura e o Evangelho, como Pessoa, Jesus Cristo que veio salvar a pessoa na sua totalidade, independentemente da sua cultura tradicional. Aliás, nalgum momento os moçambicanos eram proibidos de praticar a sua crença aos antepassados publicamente, mas continuavam a praticar secretamente e às escondidas. Portanto, pode-se dizer categoricamente que o *mutswa* assimilou o Evangelho anunciado, mas este não se enraizou na sua cultura. O altar sagrado destruído considerado como profano contra a nova religião, é o lugar onde o clã se encontrava com os seus antepassados. E é nesse lugar onde os “sacerdotes tradicionais” ofereciam sacrifícios nome em do povo a seus antepassados defuntos. O “sacerdote tradicional” é um membro do clã muito respeitado pela família alargada e pela sociedade em geral até hoje.

Outro erro que merece destaque foi a colaboração de alguns missionários com o império português. As ordens de como devia ser a evangelização eram emanadas a partir da administração colonial portuguesa; alguns padres esqueciam a sua dimensão missionária e defendiam a bandeira do país da origem, concretamente, a portuguesa, conforme diz o texto “as Missões católicas portuguesas são consideradas de utilidade imperial e de sentido eminentemente civilizador”<sup>5</sup>. Não poucas vezes, acontecia que um indígena podia confiar ao presbítero a sua vida particular ou pessoal e depois ser chamado na administração como ter cometido uma irregularidade contra a nação portuguesa.

Esta subordinação da Igreja ao governo português, além de ter trazido uma desconfiança total à pessoa do Presbítero em relação ao autóctone, fez com que muitas congregações engajadas na evangelização do povo moçambicano deixassem o país. Na verdade, muitos missionários que estavam mais próximos do povo como continuadores da ação evangelizadora de Cristo, sofreram represálias que culminou com a expulsão compulsiva na terra de missão; é o caso da Congregação dos Padres

---

<sup>5</sup> KLAUK, Miguel. *As Notas de Moçambique*. Santa Maria: Pallotti, 2001, p. 18.

Branços, conhecedores profundos da realidade do povo moçambicano, com objetivos de evangelizar e lutar para a independência de Moçambique à luz do Evangelho, que é Jesus Cristo que se encarnou para o bem da humanidade. Esta Congregação foi expulsa de Moçambique, tanto é verdade que até hoje está em poucas dioceses na Igreja local.

Estes e outros exemplos que poderíamos descrever neste artigo são considerados como sombra ou erros da primeira evangelização e conseqüentemente contribuíram para a sociedade dos *vatswa* continuasse enraizada nas suas tradições culturais na invocação pelos antepassados nas cerimônias pelos defuntos porque nelas nasceu e nelas morrerá e tem um conhecimento sólido das suas práticas religiosas tradicionais.

## **2 O falecimento de uma pessoa na cultura dos *Vatswa***

### **2.1 Breve descrição do rito do sepultamento de uma pessoa entre os *vatswa*.**

Dado que o tema do artigo também aborda a mediação do “sacerdote tradicional” na oração pelos mortos na cultura dos *vatswa* é de capital importância focalizar o fenômeno do falecimento entre os *vatswa*. A morte de um membro da família abala todo o mosaico cultural do povo e sobretudo a família enlutada, de tal modo que o para a sepultura deve-se observar ritos culturais. Quem deve orientar toda a cerimônia fúnebre é o “sacerdote tradicional” do clã e não outra pessoa fora do ambiente clânico porque uma cerimônia do enterro mal feito pode trazer futuros danos para a nova geração, “o indivíduo deve ser enterrado de acordo com as suas tradições para não ter futuras complicações para os membros do clã”<sup>6</sup>.

Na cultura dos *vatswa*, o lugar onde o cadáver vai ser enterrado, antes de abrir a cova, deve-se fazer uma cerimônia tradicional, que consiste em consulta aos antigos falecidos. Faz-se uma oração e lançam as sementes como forma de invocar os antigos falecidos. Este rito é para pedir que esse irmão que acaba de falecer seja bem recebido pelos antepassados. Depois deste rito abre-se a cova da sepultura. O enterro é feito normalmente no “cemitério familiar” (em Moçambique, além do cemitério municipal aberto para todos, é comum cada família ter o seu próprio

---

<sup>6</sup> KLAUCK, Miguel. *Notas de Moçambique*. Santa Rita: Pallotti, 2001, p.76.

terreno destinado exclusivamente para enterrar os membros da família alargada). A abertura da cova não pode ser ao meio dia, mas a partir das duas horas da tarde e seguidamente a cerimônia do enterro; “à hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona. E Jesus deu um grande grito, dizendo: Eloi, Eloi, lemá Sabachtháni...” (Mc 15, 34). No processo da sepultura todos são convidados a participar, porém, dependendo das capacidades emocionais de cada pessoa perante o fato. No momento do enterro aconselha-se a menos choros gritantes e explosivos. Depois de todo o ritual da sepultura, o “sacerdote tradicional” profere palavras de despedida ao morto. Ao sair da sepultura de regresso à casa, antes de entrar no quintal, os que estiveram na cerimônia da sepultura devem lavar as mãos como forma de purificação. Este gesto acontece também no sétimo dia, na deposição de flores.

A pergunta que se pode colocar é: será que dentro deste ritual há sinais da presença de Deus? Na cultura dos *vatswa* acredita-se na existência de um ser divino e criador do universo acessível para todos, mas para entrar em contacto com ele deve se recorrer aos antepassados. E a pessoa que tem esse poder é o “sacerdote tradicional”. Esta figura, que é o ancião do clã, é ele que deve oferecer sacrifício em benefício dos vivos e dos mortos.

### 3 “O povo que andava nas trevas viu uma grande luz” (Is 9,1)

Esta perícópe tirada do profeta Isaías traz-nos uma mensagem muito importante para o nosso trabalho. Com este texto queremos fazer uma ligação entre uma cerimônia tradicional presidida por um “sacerdote tradicional” no enterro que descrevemos acima e a figura do presbítero, como intermediário entre Deus e os homens em virtude do sacramento da Ordem que recebeu. O texto de Isaías alude à experiência de um povo que estava no exílio e não tinha lugar nem pessoa para dirigir as suas cerimônias religiosas para o Deus de Abraão, Isaac e Jacob; e conseqüentemente era vulnerável a oferecer sacrifícios a deus baal. A felicidade do povo exilado reaparece com as palavras do profeta: “o povo que andava nas trevas viu uma luz” porque chegou o momento em que terá intermediário entre o povo e Deus. Pessoa que vai rezar e oferecer sacrifício para o benefício do povo. Sem pretender fazer exegese bíblica do trecho, que não é o objetivo deste artigo, mas a luz que se refere é uma figura que iria chegar com poder de conduzir o povo até

Deus. De fato, no Antigo Testamento encontramos muitas figuras que intercedem pelo povo junto a Deus, que prefiguravam a Imagem de Jesus, Filho de Deus. Jesus Cristo é o Verbo encarnado que traz a luz para as nações. De fato, de “muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do seu Filho” (Hb 1, 1-2). Na verdade é a Jesus Cristo que devemos oferecer sacrifício de louvor por intermédio dos seus representantes aqui na terra, os presbíteros. Eles devem rezar pelo seu povo que o Senhor lhes confiou para apascentar.

### **3.1 O presbítero como ministro da oração que age em nome de Jesus Cristo**

Para continuar a sua missão na terra, Jesus Cristo chamou os que ele quis para servirem de instrumentos de cuidar e rezar pelo seu rebanho. Dentre todos que o Senhor chamou para servirem de seus instrumentos aqui na terra, encontramos a figura do presbítero. O presbítero em virtude do seu poder sacramental tem o ofício de oferecer sacrifício e rezar pelo povo que lhe foi confiado. Portanto, são nestas circunstâncias que deve ser entendida a mediação do presbítero na oração pelos defuntos. A autoridade que ele tem não lhe foi confiada pelo povo, mas por Jesus Cristo no dia da sua ordenação.

As cartas pastorais deixam transparecer o surgimento de certos ministérios específicos que são transmitidos pelos apóstolos em vista de um serviço concreto dentro da comunidade. E esta consciência de ser ministro dentro da comunidade é expressa nas perguntas do bispo ordenante no ritual da ordenação presbiteral: “queres unir-te mais a Cristo, Sumo Sacerdote, em favor do povo a ti confiado, sendo fiel assíduo ao dever da oração”<sup>7</sup>? A comunidade cristã presente no dia da ordenação do presbítero acredita que que depois da ordenação, o ministro age *in Persona Christi*, assim, torna-se o mediador entre Deus e os homens. Jesus Cristo confiou esta missão aos presbíteros; que sejam eles a rezar pelo povo e conduzir as suas orações a Deus. Nesta matéria, não há outra pessoa que pode ser intermediária além do sacerdote. O presbítero é o ungido de Deus para rezar pelo seu povo, como foram também ungidos os sacerdotes do Antigo Testamento. Assim, a unção torna-se sinal da recepção do Espírito Santo para santificar as suas ações e naqueles que nele

---

<sup>7</sup> CATTANEO, Eric. *O Sacramento de Ordem*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 27.

crerem. O Espírito Santo derramado no presbítero o configura com Cristo para a santificação do povo. Por isso, é convidado a animar e vivificar o rebanho que lhe foi confiado rezando por ele para a sua santificação.

Todo o cristão tem o direito de pedir ao presbítero para rezar e interceder pelos seus defuntos porque este recebeu do Senhor a função de zelar pelas almas que lhe foram confiadas; visto que pela ordenação, o presbítero é configurado com Cristo, enquanto Cabeça e Pastor da Igreja, e recebe o poder espiritual que é a participação da autoridade com a qual Jesus Cristo conduz a Igreja terrena na pessoa dos seus ministros ordenados. É em esse agir como representante de Cristo que o presbítero é, por excelência, a pessoa escolhida para servir de mediador entre Deus e os homens nas orações pelos defuntos.

A riqueza da oração do presbítero para os defuntos já se encontra nos rituais das exéquias; onde se pede que ele organize toda a cerimônia a partir da matéria até a fórmula para rezar em honra dos defuntos. O presbítero é convidado a se “dirigir a casa do morto com ajudantes levando a cruz e água benta”<sup>8</sup>. Neste ato público e religioso, o presbítero como ministro de Deus na terra só ele tem o “poder sagrado dentro da comunidade dos fiéis, para oferecer o sacrifício e perdoar os pecados, exercendo ainda publicamente o ofício sacerdotal em favor dos homens em nome de Cristo” (*Presbiterorum Ordinis*, 2) e pelas almas que jazem nas trevas da morte. A missão especial do presbítero de rezar pelo seu povo foi recebida como mandato do Senhor que chamou àqueles que quis para continuarem a sua missão oferecendo sacrifício, perdoadando os pecados e exercendo publicamente o seu múnus como mediadores entre Deus e os homens em nome de Cristo.

Esta dimensão imprescindível de mediação do presbítero nas orações pelo seu rebanho nota-se dia após dia quando ele recita o breviário pedido pela santificação do povo e de si próprio. A missão de rezar pelos defuntos, como mediador entre Deus e os homens, o presbítero desempenha-a como sendo ministério específico dele; não devia delegar aos leigos. Na verdade, diz Papa Francisco que “os leigos podem anunciar a Palavra de Deus, ensinar, organizar as comunidades” (*Querida Amazônia*, 87), mas há tarefas específicas que só são reservadas ao presbítero em virtude de ser sinal e ser representante de “Cristo Cabeça” na terra. Dentre elas, rezar pelos defuntos, porque um sacrifício oferecido

---

<sup>8</sup> SACRAMENTARIO. *Edição típica em tradução portuguesa para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*. São Paulo: Paulus, p. 203

pelo presbítero nas orações pelo sufrágio de almas tem um valor expiatório que, por conseguinte, só ele é que pode fazer. Assim, um “pastor cuida do povo que lhe foi confiado antes de tudo pela oração de intercessão, que possui, por natureza, uma importância para o mundo inteiro”.<sup>9</sup> Os fiéis leigos que sejam consciencializados desta missão específica do presbítero de oferecer sacrifício para os seus entes queridos e, por isso, é direito deles de pedir ao presbítero para que ofereça sacrifícios pelas almas dos seus defuntos.

## Conclusão

Descrever uma cerimônia da Religião Tradicional Africana não é fácil devido a vários fatores que ultrapassam este trabalho, mas importa dizer que a escassez de bibliografia, porque tudo é oral, e os pormenores do próprio ritual contribuem para essas dificuldades. Contudo, neste trabalho pretendemos apresentar duma forma sintética os principais momentos das exéquias presidida pelo “sacerdote tradicional” no contexto dos *vatswa* e a medição do presbítero, como sendo a pessoa que tem esse múnus de rezar e interceder pelo povo. Esse ministério, o presbítero recebeu do próprio Senhor Jesus e jurou, no dia sua ordenação, como intercessor entre Deus e os homens na terra rezando por eles.

Depois de apresentarmos a mediação do “sacerdote tradicional” e do presbítero na oração pelos defuntos no contexto dos *vatswa*, chegamos à conclusão de que a falta do conhecimento do ministério presbiteral, para a maioria dos fiéis, contribui para que os fiéis pautem em cerimônias tradicionais presididas pelo “sacerdote tradicional” e conseqüentemente fazer as duas: uma cerimônia tradicional e uma missa. Ora, esta insuficiência do conhecimento é resultado das falhas da primeira evangelização que apresentamos sinteticamente neste artigo. Normalmente, resume-se o papel do presbítero na celebração da santa missa na igreja. Mas reconhecer na pessoa do presbítero como ungido de Deus para apascentar o seu rebanho ainda é de pouco domínio dos fiéis no contexto dos *vatswa*. É por isso que, embora se peça uma santa missa para rezar pelos entes queridos, depois vai-se recorrer a uma outra celebração tradicional presidida pelo “sacerdote tradicional” para interceder pelos defuntos na evocação dos

---

<sup>9</sup> CATTANEO, Eric. *O Sacramento de Ordem*. São Paulo: Loyola, 2008, p.57.

antepassados, entidades consideradas zeladoras do povo em toda sua vida, desde o nascimento até a morte.

Com o auxílio da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja vincamos mais a mediação do presbítero na oração pelos defuntos porque só ele recebeu este poder. Ele é a ponte de união entre Deus e os homens. Cristo não quis agir sozinho, mas chamou alguns homens para colaborarem na sua obra da salvação da humanidade e com eles continua, através do Espírito Santo santificar o seu rebanho confiado ao presbítero. Contudo não podemos desacreditar na mediação do sacerdote tradicional na oração pelos defuntos porque faz parte do mosaico cultural e religioso de um povo. O que é necessário e urgente, é de fato, resgatar aquilo de melhor que existe nessas cerimônias tradicionais e inculturá-las no Evangelho, Jesus Cristo, Verbo Eterno do Pai, que se encarnou para o bem da Humanidade.

## Referências

ANTUNES, Diamantino Guapo. *Mártires do Guiúá*. Testemunho cristão da Igreja em Moçambique. Guiúá: Consolata, 2016.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição ver. e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CATTANEO, Eric. *Sacramento de Ordem*. S. Paulo: Loyola, 2008.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do -Vaticano. *Presbyterorum Ordinis*. In: VIER, Frederico. *Compêndio do Concílio do Vaticano II*. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FACCO, Casimiro. *Memorias da Missão Pallottina em Moçambique*. Santa Maria: Biblos, 2019.

LANGA, Adriano. *Questões Cristãs à Religião Tradicional Africana*. Braga: Franciscana. 1992.

SACRAMENTÁRIO. Edição típica em tradução portuguesa para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Paulus, 2003.

KLAUCK, Miguel. *Notas de Moçambique*. Santa Maria: Pallotti, 2001.

*Recebido em: 21/08/2020.  
Aprovado em: 02/09/2020.  
Publicado em: 07/09/2020.*